

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2020

## O PRINCÍPIO DO SERVIR NA PERSPECTIVA BÍBLICA E HISTÓRICA

The principle of serving in the biblical and historical perspective

*Me. Ricardo Lebedenco<sup>1</sup>*

### RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar um estudo do texto bíblico, no Antigo e Novo Testamentos para investigar as definições do valor do servir ao longo das Escrituras, além de observar como esse princípio estava presente nas diversas ações narradas na história bíblica e na história contemporânea. A partir desse estudo, o artigo apresenta sugestões para organizar um sistema de ensino e treinamento a ser seguido pela igreja local que seja capaz de receber o indivíduo voluntário e desenvolver suas capacidades e percepções a fim de que este se torne um verdadeiro servo, e desenvolva um ministério excelente.

**Palavras-chave:** Serviço. Servo. Voluntário. Igrejas. Bíblia.

---

<sup>1</sup>O autor é formado em Teologia pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná e em Engenharia Agrônômica pela UNESP – Universidade do Estado de São Paulo. É mestre em Teologia Pastoral pela FABAPAR. Trabalha como pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como professor na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: lebedenco@gmail.com.

## ABSTRACT

The article has a target to present a study of the biblical text, in the Old and New Testaments to investigate the definitions of the value of serving throughout the scriptures, in addition to observing how this principle was present in the various actions narrated in biblical history and contemporary history. Based on this study, the article presents suggestions for organizing a teaching and training system to be followed by the local church that is able to receive the individual volunteer and develop their skills and perceptions so that they become a true servant, and develop an excellent ministry.

**Keywords:** Serving. Servant. Volunteer. Churches. Bible.

## INTRODUÇÃO

Um verdadeiro servo é artigo raro em igrejas da atualidade, onde cada pessoa quer ter sobretudo direitos, a despeito de seus deveres. Mas quando se estuda a história bíblica e contemporânea da igreja cristã, percebe-se que esta foi concebida a partir de memoráveis servos de Deus. Sem eles, a história não teria acontecido e não teria chegado até nós.

O objetivo desse artigo é primeiramente apresentar o conceito e os aspectos práticos do princípio do “serviço” na Bíblia. Para isso, o trabalho pretende investigar alguns textos do Antigo e do Novo Testamento, e encontrar palavras do texto original que são traduzidas por “serviço” na língua portuguesa. O passo seguinte é verificar o contexto para descobrir o sentido de cada palavra e sua aplicação na construção do conceito bíblico.

Na sequência, o trabalho apresentará exemplos de serviço no Antigo e Novo Testamento, verificando o sentido da ação em cada um dos momentos dos textos da Revelação. Esses exemplos podem ser de grupos gerais, como os sacerdotes e os profetas ou de indivíduos específicos, como o apóstolo Paulo. A intenção é verificar como o conceito de serviço foi se desenvolvendo ao longo do texto bíblico até chegar aos nossos dias, e como podemos desenvolver uma consciência e ação bíblicamente sadia na vida dos voluntários atuais da igreja.

A principal palavra para designar serviço no idioma hebraico é a palavra עָבַד (*‘abad*<sup>2</sup>), que, segundo Champlin, aparece cerca de cento e vinte vezes

<sup>2</sup> A transliteração dos termos escritos em hebraico, será feita a partir do Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento e as dos termos escritos em grego, a partir do Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento.

no texto do Antigo Testamento.<sup>3</sup> Ainda segundo Champlin, os conceitos da palavra podem sugerir as possibilidades que seguem abaixo classificadas:

- a. Serviço secular: como o prestado por Jacó a Labão, em troca de suas filhas (Gn 30.26-29);
- b. Serviço ritual: como o prestado pelos levitas que serviam na tenda da congregação (1Cr 23.32);
- c. Serviço espiritual: na medida que Deus foi se revelando, o serviço foi ganhando uma dimensão mais ampla, até culminar no Novo Testamento, com um conceito totalmente novo.

Kaiser<sup>4</sup>, diferente de Champlin, afirma que o termo *‘abad* aparece duzentas e noventa vezes no Antigo Testamento, e a origem é uma mistura de diversas raízes, entre elas a raiz aramaica que significa “fazer”, uma raiz árabe que significa “adorar” e o seu grau intensivo, com o sentido de “reduzir à escravidão”. Era usado para indicar o trabalho de algumas “coisas”, como o solo ou uma vinha, e também em relação a pessoas, tanto em uma relação de escravidão como de liberdade. Entretanto, quando usado em relação à Deus, segundo Kaiser<sup>5</sup>, não constituía uma escravidão, mas “uma experiência jubilosa e libertadora”.

O verbo servir, no idioma hebraico, é descrito através de várias palavras. Segundo Hartley<sup>6</sup>, uma das palavras que aparece no texto bíblico descrevendo o trabalho dos levitas (Nm 4.23 e 8.24), ainda que seu uso normalmente esteja relacionado com guerras é *צָבָא* (*tsābā*). Harris<sup>7</sup>, citando Dhorme, sugere que este termo era usado para denotar o tempo gasto no exército. Austel<sup>8</sup> menciona a palavra *שָׂרָת* (*shārat*) que pode ser usada de duas maneiras, a saber: o serviço pessoal prestado a uma personalidade importante e o ministério de adoração por parte daqueles que têm um relacionamento especial com Deus, como os sacerdotes. Há ainda a palavra *פָּלַח* (*p<sup>l</sup>lah*), que, segundo Isbell<sup>9</sup>, tem o significado de “fender” ou “dividir em dois”. Segundo Isbell, a partir desse sentido, a palavra admitiu o sentido de cultivar um campo, e cultivar adoração a uma divindade, que enfim originou o termo serviço ou adoração. Esse uso

<sup>3</sup> CHAMPLIN, 2002, p. 176.

<sup>4</sup> In HARRIS, 1998, p. 1065.

<sup>5</sup> In HARRIS, 1998, p. 1066.

<sup>6</sup> In HARRIS, 1998, p. 1256.

<sup>7</sup> HARRIS, 1998, p. 1257.

<sup>8</sup> In HARRIS, 1998, p. 1621.

<sup>9</sup> In HARRIS, 1998, p. 1725.

acontece no texto bíblico do livro de Daniel, quando os amigos Sadraque, Mesaque e Abede-Nego decidem não “servir” ao deus de Nabucodonosor. Harris<sup>10</sup> menciona também a palavra שָׂמַשׁ (*sh<sup>e</sup>mash*), que, segundo esse autor, é provavelmente um empréstimo do vocabulário egípcio e tem o significado de ministrar ou servir.

No Novo Testamento, há quatro palavras para designar o serviço, segundo Champlin.<sup>11</sup> A primeira é δουλεία (*douleia*), que denota serviço escravo, e pode ser encontrado no texto bíblico do livro de Romanos 8.15-21. Martins<sup>12</sup> afirma que o sentido é de alguém sem direito algum, que cumpre a vontade do seu Senhor. A segunda é διακονία (*diaconia*), que tem a ideia de ministração ou serviço, e aparece trinta e três vezes no Novo Testamento, como por exemplo, no texto bíblico do livro de Atos 6.3. Martins<sup>13</sup>, ao especificar o sentido dessa palavra, menciona a ideia de um garçom, que oferece o seu serviço como cristão. A terceira é λατρεία (*latreia*), que tem o sentido de serviço religioso, como encontrado no texto bíblico do livro de João 16.2. Segundo Martins<sup>14</sup>, essa palavra aparece cinco vezes no Novo Testamento e se refere a qualquer tipo de ação executada em um ambiente religioso. A última é λειτουργία (*leitourgia*), que denota serviço público, como no texto bíblico de Lucas 1.23. Martins<sup>15</sup> afirma que essa palavra aparece seis vezes no Novo Testamento e tem o sentido de culto, programação ou liturgia.

Hess<sup>16</sup> discorre sobre a palavra servir, no infinitivo, citando três palavras no grego já mencionadas no parágrafo anterior (*diaconia*, *latreia* e *leitourgia*). Em todos esses conjuntos de palavras e seus derivados, pode-se notar uma evolução do sentido conforme a revelação bíblica. Segundo Hess<sup>17</sup>, *leitourgia* originalmente expressava o serviço voluntário à comunidade, mas depois o serviço sacerdotal no ritual. A palavra *latreia* denotava os pormenores do ritual, mas depois seu significado se amplia para a atitude interior da adoração. Finalmente, ainda segundo Hess<sup>18</sup> a palavra *diaconia* tinha o sentido de servir

<sup>10</sup> HARRIS, 1998, p. 1744.

<sup>11</sup> CHAMPLIN, 2002, v. 6, p. 176.

<sup>12</sup> MARTINS, 2016, p. 23.

<sup>13</sup> MARTINS, 2016, p. 23.

<sup>14</sup> MARTINS, 2016, p. 23.

<sup>15</sup> MARTINS, 2016, p. 23.

<sup>16</sup> In COENEN, 1983, p. 448.

<sup>17</sup> In COENEN, 1983, p. 448.

<sup>18</sup> In COENEN, 1983, p. 449.

à mesa, sob aspecto de sujeição pessoal, isto é, debaixo de escravidão, mas passa a ser usada para denotar o “servir” de modo geral, sem o sentido de escravidão, mas com uma ideia de “serviço a uma causa”, algo que traga um benefício à comunidade de modo geral.

É interessante afirmar, segundo Hess<sup>19</sup>, que mesmo conhecendo a ordem de amar ao próximo (no texto bíblico de Lv 19.8), a forma principal de serviço às pessoas eram as esmolas. Por isso, a palavra *diaconia* (e seus derivados) não foi utilizada com o sentido de um serviço humilde no Antigo Testamento, na Septuaginta. Essa palavra (ou suas derivações) aparece apenas sete vezes, sempre apresentando o sentido de servos da corte (no livro de Ester e Provérbios). Normalmente, no texto grego do Antigo Testamento as palavras usadas com o significado de servir aos outros e a Deus são derivadas de *douleia*, com o sentido de escravidão, e *leitourgia* e *latreia* nos contextos rituais.

Nessa breve pesquisa bibliográfica já pode-se notar um desenvolvimento do conceito de serviço ao longo do texto bíblico. O estudo das palavras já mostra isso. Contudo se faz necessário verificar os exemplos reais vivenciados pelos personagens bíblicos, o que a pesquisa começa a fazer a partir desse ponto.

## 1. EXEMPLOS DE SERVIÇO NO ANTIGO TESTAMENTO

Segundo Champlin<sup>20</sup> o trabalho feito no sentido de servir, no Antigo Testamento, tem sua primeira referência em Gênesis 30.26-29, quando Jacó serve a Labão em troca de suas esposas, conforme informação indicada acima. A palavra usada ali no sentido de serviço é עָבַד (*‘abad*), e tem o sentido de um serviço secular, feito a pessoas, sem qualquer conotação espiritual. Na Septuaginta, a palavra usada é δουλεία (*douleia*), normalmente utilizada para trabalho escravo. O serviço feito a Deus ainda era completamente desconectado do sentido horizontal, de apoio e generosidade voltado para pessoas.

Nos próximos itens serão apresentados exemplos de situações nas quais o serviço aconteceu, ainda que em caráter de desenvolvimento de conceito. A ideia de serviço estava sendo formada e passaria por um desenvolvimento ao longo da revelação. Mas a ideia central já estava lá desde o início, e podemos encontrá-la no texto bíblico do livro de Êxodo 21.1-6:

<sup>19</sup> In COENEN, 1983, p. 449.

<sup>20</sup> CHAMPLIN, 2002, p. 176.

São estas as leis que você proclamará ao povo: “Se você comprar um escravo hebreu, ele o servirá por seis anos. Mas no sétimo ano será liberto, sem precisar pagar nada. Se chegou solteiro, solteiro receberá liberdade; mas, se chegou casado, sua mulher irá com ele. Se o seu senhor lhe tiver dado uma mulher, e esta lhe tiver dado filhos ou filhas, a mulher e os filhos pertencerão ao senhor; somente o homem sairá livre. “Se, porém, o escravo declarar: ‘Eu amo o meu senhor, a minha mulher e os meus filhos, e não quero sair livre’, o seu senhor o levará perante os juízes. Terá que levá-lo à porta ou à lateral da porta e furar a sua orelha. Assim, ele será seu escravo por toda a vida.

Essa ideia do escravo de orelha furada é muito semelhante à ideia do servo que se desenvolve por todo o texto bíblico. Sanchez<sup>21</sup> explica que o sentido é de um escravo, que não tem escolha e nem vontade própria, mas segue a vontade de seu Senhor. Contudo, o servo, conforme o ensino bíblico pode *escolher* servir. Apesar dessa ideia ainda não estar presente no sentido da palavra serviço nesse momento, o valor já se mostrava.

### 1.1 O SERVIÇO A PARTIR DOS SACERDOTES E LEVITAS

O sacerdócio começou a ser organizado nos tempos de Moisés, mas a dedicação de ofertas é muito anterior a Moisés. Segundo Schultz<sup>22</sup>, o chefe de cada família era responsável pelas ofertas e executava o serviço de representar a família na adoração a Deus. Vaux<sup>23</sup> acrescenta que os próprios patriarcas sacrificavam nos santuários que edificavam.

Sicre<sup>24</sup> concorda com Schultz, mencionando que, nessa época, quando ainda não havia sacerdotes em Israel, o serviço do culto era normalmente executado pelo chefe da família. Em algumas situações, como na ocasião na qual Gideão ofereceu um sacrifício (no texto bíblico do livro de Jz 6.25-26), nem sequer o chefe da família foi necessário. Ainda no livro de Juízes, capítulo 17, Mica organiza um oratório, com imagens que ele mesmo idealizou e um sacerdote (seu filho) que ele mesmo escolheu. Mas, segundo Sicre<sup>25</sup>, é

<sup>21</sup> SANCHEZ, 2015, não paginado.

<sup>22</sup> SCHULTZ, 1995, p. 44.

<sup>23</sup> VAUX, 2003, p. 384.

<sup>24</sup> SICRE, 2016, p. 394.

<sup>25</sup> SICRE, 2016, p. 394.

nesse momento que acontece algo significativo para o entendimento do novo modelo que se tornaria o padrão. Um levita aparece na cidade, e é contratado por Mica para ser o seu sacerdote pessoal ao invés do filho: “Os funcionários do culto começam a impor sua autoridade e seu prestígio, até se tornarem imprescindíveis”.<sup>26</sup>

Antes de Moisés, as únicas menções a algum sacerdote é a de Melquisedeque no texto bíblico do livro de Gênesis 14.18 e sacerdotes egípcios em Gênesis 41.45. Mas depois da saída do Egito, Deus orienta a organização dessa função, para que a adoração seja adequada e o culto efetivo, e então separa Arão e seus filhos para o sacerdócio.

Não se pode afirmar que havia outros sacerdotes antes disso, mas segundo Packer, Tenney e White<sup>27</sup>, se os havia, porque não foram citados? É possível que os próprios patriarcas atuassem como sacerdotes, oferecendo sacrifícios a Deus, dentro de suas casas. Não há evidências de que esses homens atuassem como sacerdotes para outros que não fossem suas próprias famílias. Havia um caráter de espontaneidade e simplicidade nessa época nos cultos. Os altares ficavam expostos ao tempo, e por isso dependiam do clima para que os sacrifícios acontecessem, visto que o fogo era parte essencial desses rituais. Considerando que era Deus quem iniciava esses cultos, quando e como quisesse, não havia necessidade de maiores planejamentos.

Vaux<sup>28</sup> explica que o sacerdócio em Israel não é vocação, mas função. Ao contrário dos reis e profetas, os sacerdotes não apresentam qualquer tipo de carisma particular para a função. São apenas nomeados para servir ao Senhor. O termo usado na língua original para essa nomeação tem o sentido de “encher as mãos”, que pode significar algum tipo de compensação financeira, mas Vaux<sup>29</sup> enfatiza que provavelmente o sentido original é dar uma responsabilidade de servir à pessoa nomeada. Esta agora é chamada para servir.

No texto bíblico do livro de Números 8.11, Moisés está consagrando os levitas para o serviço na tenda da congregação e a palavra usada para designar o serviço também é *‘abad*. Interessante que, segundo Vaux<sup>30</sup>, nesse

<sup>26</sup> SICRE, 2016, p. 394.

<sup>27</sup> PACKER; TENNEY; WHITE, 1982, p. 156-157.

<sup>28</sup> VAUX, 2003, p. 385.

<sup>29</sup> VAUX, 2003, p. 386.

<sup>30</sup> VAUX, 2003, p. 386.

texto citado, “o gesto de impor as mãos não tem o sentido de um ritual de investidura, mas de oferenda: os levitas são oferecidos a Iahvé como substitutos dos primogênitos. Voltando ao termo *‘abad*, segundo Wenham<sup>31</sup>, este tem uma evolução de significado ao longo do tempo. Nesse momento, no qual está sendo organizada a estrutura de adoração, o “serviço” é o trabalho físico de transportar o tabernáculo, mas mesmo nesse sentido mais simples, as exigências para os servos já são grandes, evidenciando a importância para Deus do trabalho. Segundo Schultz<sup>32</sup>, os levitas foram nomeados para auxiliar os sacerdotes nas responsabilidades do culto, e a seriedade do trabalho se evidenciava nas exigências de uma conduta diferenciada, marcada por requisitos morais para poderem servir. Não era apenas um simples trabalho, mas algo especial, e segundo o mesmo autor<sup>33</sup>, esses oficiais do templo precisavam se abster de costumes pagãos, profanações e poluição. No caso do sumo-sacerdote, as exigências eram ainda mais pesadas.

Quais eram as principais funções do sacerdote? Segundo Sicre, as funções eram:

- 1) Transmitir o oráculo divino mediante o uso do efod e do *urîm* e *tummîn*. A partir de Davi, esta função diminuiu ou desapareceu completamente, passando para os profetas.
- 2) O ensino (*torâ*). Originariamente a *torâ* era uma instrução breve sobre um ponto concreto, principalmente em relação ao culto, para distinguir entre o santo e o profano, entre o puro e o impuro. Mas a missão de ensinar do sacerdote é mais ampla: refere-se também ao conjunto de prescrições que regem as relações entre Deus e o homem e dos homens entre si. Desta forma, os sacerdotes se tornam mestres de moral e de religião. Após o exílio, o ensino da Torá passou para os levitas e rabinos.
- 3) O sacrifício. De per si, o sacerdote não é um sacrificador. Pode encarregar-se de matar as vítimas, mas esta sempre foi uma função secundária e nunca privilégio exclusivo. A função do sacerdote começava com a manipulação do sangue, a parte mais santa da vítima. A relação do sacerdote com o sacrifício aumentou com o passar do tempo, quando diminuiu sua função oracular e ele compartilhou a docência com os levitas.
- 4)

<sup>31</sup> WENHAM, 1991, p. 81.

<sup>32</sup> SCHULTZ, 1995, p. 62.

<sup>33</sup> SCHULTZ, 1995, p. 62.



A mediação. Em todas as funções anteriores, o sacerdote é o mediador entre Deus e o homem. Representa Deus nas duas primeiras e o homem na terceira. Também o rei e o profeta são mediadores, mas por carisma, não por estado.<sup>34</sup>

Craigie<sup>35</sup> explica que ambos (sacerdotes e levitas) eram descendentes pertencentes à tribo de Levi, e tinham diferentes responsabilidades. A responsabilidade principal dos sacerdotes era dirigir o culto, inicialmente no tabernáculo e depois, no templo. O sumo sacerdote tinha por responsabilidade dirigir o culto de Israel, além de executar todos os sacrifícios e as festas que auxiliavam a continuidade da vida religiosa do povo. Esse ofício especial foi transmitido, durante o Antigo Testamento, numa base hereditária. Porém, com o crescente prestígio que essa posição trazia, a posição de sumo sacerdote passa a ser alvo de disputas políticas, na época do Novo Testamento

Segundo Craigie<sup>36</sup>, os levitas eram funcionários de apoio, que faziam a manutenção do recinto e outros deveres. Apesar de menos destaque, suas funções eram também essenciais no culto do povo. Cumpriam uma variedade enorme de serviços, como ensino no templo, organização da música para a adoração, além da manutenção do prédio físico.

As roupas dos sacerdotes também expressavam a santidade com a qual deveriam servir ao Senhor. Segundo Schultz<sup>37</sup>, os vários detalhes da roupa, como tecidos, estola, peitoral e turbante faziam referência à pureza exigida para fazer um bom trabalho.

Rad<sup>38</sup> discorre sobre o ofício sacerdotal, afirmando que as exigências do culto eram tão grandes, “que só alguém que tivesse crescido na continuidade da tradição tribal e familiar estava à altura para cumpri-las satisfatoriamente”. O serviço era tão importante que precisava de um preparo de vida.

No momento da entrada na Terra Prometida – Canaã – e na sequência, quando um santuário central foi estabelecido, havia muito trabalho e poucos sacerdotes, segundo Gower.<sup>39</sup> A demanda por sacerdotes era maior do que a oferta. Em contrapartida, havia um excesso de levitas, e por isso, pouco

<sup>34</sup> SICRE, 2016, p. 394-395.

<sup>35</sup> CRAIGIE, 1990, p. 329.

<sup>36</sup> CRAIGIE, 1990, p. 330.

<sup>37</sup> SCHULTZ, 1995, p. 63.

<sup>38</sup> RAD, 2006, p. 238.

<sup>39</sup> GOWER, 2002, p. 366.

trabalho para eles. Nesse momento da história, a diferença entre os sacerdotes e levitas praticamente desapareceu. Como já citado acima, no episódio de Mica (no texto bíblico do livro de Jz 17), um levita se tornou sacerdote. Segundo Gower<sup>40</sup>, foi Ezequiel quem exigiu que houvesse novamente uma separação clara entre as funções de um sacerdote e um levita. Na volta do exílio babilônico, os levitas se envolveram no ensino da Lei e nos deveres religiosos normais.

Os levitas são mais um exemplo de como Deus foi construindo o valor do serviço ao longo da história. Segundo Wiersbe<sup>41</sup>, os levitas ajudavam os sacerdotes no serviço do templo, a partir dos trinta anos de idade. Mais tarde essa idade mínima mudou para os vinte e dois anos de idade. Quando o serviço do templo foi organizado, havia trinta e oito mil levitas, e eles foram organizados em quatro grupos: vinte e quatro mil para auxiliar os sacerdotes no templo, seis mil como oficiais e juizes, quatro mil como porteiros e quatro mil como cantores.

O serviço dos levitas, segundo Wiersbe<sup>42</sup>, em nenhum momento foi considerado inferior ou de menor importância do que o serviço dos sacerdotes:

O fato de os levitas tomarem conta do santuário enquanto os sacerdotes ministravam no altar não significava que seu trabalho era menos importante para o ministério do Senhor. Cada servo era importante para Deus, e cada ministério era necessário. [...] Nada do que os levitas [...] faziam no templo foi deixado ao encargo do acaso ou da invenção humana; antes, foi tudo ordenado por Deus. [...] A construção do templo significava que os levitas seriam necessários para novas incumbências. Uma de suas tarefas seria manter o templo limpo e arrumado, certificando-se de que os arredores do templo fossem conservados cerimonialmente puros. Também deveriam cuidar que houvesse farinha suficiente para as ofertas. Em todos os sacrifícios diários, mensais e anuais realizados, o coral dos levitas deveria oferecer louvores ao Senhor.<sup>43</sup>

Os levitas, segundo Rad<sup>44</sup> também eram responsáveis, juntamente com os sacerdotes, pelo ensino da Lei ao povo, na questão da interpretação e

<sup>40</sup> GOWER, 2002, p. 366.

<sup>41</sup> WIERSBE, 2006, p. 385.

<sup>42</sup> WIERSBE, 2006, p. 385.

<sup>43</sup> WIERSBE, 2006, p. 385.

<sup>44</sup> RAD, 2006, p. 239.

aplicação. Ou seja, eram eles os responsáveis por fazer com que a Lei pudesse ser praticada no cotidiano da vida de cada pessoa. Eles também tinham a responsabilidade, em parceria com os sacerdotes, de preparar os textos que seriam lidos e recitados nas grandes festas de Israel, devido ao conhecimento e autoridade que possuíam.

Havia ainda uma responsabilidade curiosa: segundo Rad, ainda na época do tabernáculo, os levitas tinham um lugar especial para armar suas tendas no acampamento, depois que o tabernáculo havia sido montado. Nesse momento, os levitas acampavam em um círculo imediatamente próximo, rodeando todo o tabernáculo, assumindo assim “uma função protetora, até mesmo expiadora, impedindo que nenhuma “ira” sobreviesse à comunidade”.<sup>45</sup>

O princípio do serviço estava sendo aprendido pelo povo, e o ofício sacerdotal foi uma das maneiras que Deus usou para ensinar. Contudo, existiram outros exemplos do texto bíblico do Antigo Testamento que mostraram o desenvolvimento do princípio a partir de outras pessoas, como será mostrado no próximo item.

## 1.2 O SERVIÇO NA ATUAÇÃO DO POVO DE NEEMIAS

Os indivíduos que colaboraram com a obra de Neemias foram retratados no capítulo 3 do livro de Neemias. Segundo McNair<sup>46</sup> havia um significado enorme o fato de terem seus nomes e o serviço de cada um registrado no livro sagrado. Deus tinha um propósito de registrar isso, não apenas para reconhecer o esforço de cada um, mas de se fazer lembrar o serviço de todos. Neemias entende a própria posição e a de todo o povo como de servos. No texto de Neemias 2.20, mais uma vez a palavra *‘abad* é usada para denominar “servos”.

Segundo Waltke<sup>47</sup>, a lista das pessoas que serviram na construção do muro incluía sacerdotes, leigos, habitantes de Jerusalém e até de cidades vizinhas. Havia pessoas que foram identificadas pelo nome da família, e outras por sua profissão. Toda a comunidade estava envolvida naquele serviço. Conforme Waltke<sup>48</sup>, Neemias não está apenas restaurando o muro com aquele serviço,

<sup>45</sup> RAD, 2006, p. 244.

<sup>46</sup> MCNAIR, 1949, p. 237.

<sup>47</sup> WALTKE, 2015, p. 880.

<sup>48</sup> WALTKE, 2015, p. 880.

está restaurando a comunidade, pois o valor do serviço estava sendo construído em meio à atividade. Kidner<sup>49</sup> também exalta o trabalho de Neemias e daquelas pessoas. Isso pode ser observado, na seguinte fala:

Este catálogo de nomes e lugares quase totalmente esquecidos revela uma façanha extraordinária de organização e de ação conjunta. Tem todas as marcas de um entusiasmo compartilhado, demonstrado nos grupos heterogêneos que se puseram a trabalhar nos seus trechos adjacentes do muro, uns como unidade familiares, outros segundo suas cidades, suas perícias (e.g., os ourives e os perfumistas do v. 8), suas profissões (os mercadores: 31-32) e suas vocações (os sacerdotes: 1, 21-22, 28; os levitas: 17-18; os servos do templo: 26; os maiores dos distritos: 9, 12, 15-17). Certo homem até mesmo mobilizou suas filhas (12).<sup>50</sup>

Há diversas qualidades nos voluntários de Neemias, segundo Barber.<sup>51</sup> Neemias conseguiu empreender uma consciência tamanha do serviço, que cada um sabia exatamente o que precisava fazer e onde precisava fazer. Eles estavam completamente coordenados. Ainda segundo Barber<sup>52</sup>, a cooperação entre os voluntários era um sucesso. Mesmo solteiros (que teoricamente não precisavam defender sua esposa e filhos) serviram na obra. O autor enfatiza que ainda hoje organizações sofrem com o trabalho de baixa qualidade e de pouco tempo de voluntários. Neemias conseguiu motivar aqueles homens e mulheres a darem muito de seu tempo e servirem com excelência. Ainda que não tenha conseguido sucesso total (a elite de Tecoá não quis se submeter ao serviço), Neemias conseguiu um feito incrível: seus voluntários se motivaram, se dedicaram e principalmente, terminaram cada qual a sua parte na obra.

Kelly<sup>53</sup> afirma que, da mesma maneira que cada um executou a sua parte no serviço de reconstrução do muro, nos dias de hoje cada um tem a sua parte no trabalho. “É um grande erro supor-se que o trabalho de Deus depende de grandes talentos”. Na igreja, cada pessoa e o seu trabalho são mais importantes do que em qualquer outro lugar.

Mesquita<sup>54</sup> ressalta o planejamento admirável realizado por Neemias em

<sup>49</sup> KIDNER, 1985, p. 93.

<sup>50</sup> KIDNER, 1985, p. 93.

<sup>51</sup> BARBER, 1982, p. 43.

<sup>52</sup> BARBER, 1982, p. 45.

<sup>53</sup> KELLY, 1978, p. 50.

<sup>54</sup> MESQUITA, 1974, p. 257.

sua força voluntária de trabalho. Cada grupo tinha uma tarefa a cumprir e sabia muito bem disso. Eram ao todo 38 grupos de trabalho que serviam voluntariamente na obra. Segundo o mesmo autor<sup>55</sup>, a tarefa de cuidar da alimentação era feita em alguns casos pelos próprios voluntários e em outros por Neemias e sua equipe. Na verdade, o que aconteceu, segundo o autor, foi um grande mutirão.

Dessa maneira, Deus estrategicamente ensinava nesse momento o povo “simples” a servir. Não eram sacerdotes, levitas ou profetas, era o povo. Na forma de mutirão, o valor do princípio de servir a Deus e às pessoas era vivenciado e assimilado pelo povo de Israel. O próximo item vai tratar de mais um exemplo de como o conceito foi sendo desenvolvido e praticado.

### 1.3 O SERVIÇO A PARTIR DOS PROFETAS

Os profetas também são um exemplo de serviço a Deus e ao povo. Segundo Krüger e Kunz<sup>56</sup>, o profetismo já existia antes do século VIII, mas foi a partir desse período que mais teve relevância. Nos dias de Samuel surgiram as escolas proféticas, organizando melhor a atividade profética em toda a nação.

Os profetas eram conhecidos por vários termos, mas o presente trabalho faz menção do termo “servo de Iahvé”, que era um desses títulos pelo qual os profetas eram conhecidos, segundo Waltke.<sup>57</sup> Em várias referências (nos textos bíblicos de 2Rs 21.10 e 24.2; de Jr 25.4 e 26.5; de Am 3.7) a expressão “... meus servos, os profetas...” é usada para designar esses homens de Deus que proclamavam a Palavra do Senhor ao povo. O sentido, segundo Waltke, é que esses homens tem uma missão dada por Deus, e não algo que ele mesmo inventou. Por essa razão, conforme Seubert<sup>58</sup>, os profetas tiveram um grande valor para o povo de Israel, pois suas palavras eram relevantes e impactantes para mudar o coração de seu povo.

Krüger e Kunz<sup>59</sup> indicam o termo “servo do Senhor” como descrição para os profetas. As autoras explicam que o termo profeta é definido a partir do termo grego “*prophetes*”, que tem por significado “aquele que fala em nome de um deus e interpreta a sua vontade”. Os elementos “*pro*” (que significa “por, de

<sup>55</sup> MESQUITA, 1974, p. 263.

<sup>56</sup> KRÜGER; KUNZ, 2016, p. 12.

<sup>57</sup> WALTKE, 2015, p. 900.

<sup>58</sup> SEUBERT, 1992, p. 29-30.

<sup>59</sup> KRÜGER; KUNZ, 2016, p. 10.

para”) e “*phemi*” (que significa “falar”). Ou seja, profeta significa “aquele que fala por alguém”. Isso se alinha com a ideia de “servo do Senhor”, pois o profeta fala o que Deus o mandou falar, e não ideias de sua própria imaginação.

Para Bruce<sup>60</sup>, a obediência dos profetas também era uma marca desses “servos do Senhor”, e contribuía para o entendimento de que estavam ali para exercer as orientações de Deus. O profeta precisava entregar a mensagem fielmente, ainda que não tivesse sendo ouvido ou assimilado. Krüger e Kunz<sup>61</sup> lembram que o fato do povo não receber a mensagem ou não obedecer como resultado, não interferia em nada na transmissão da mensagem. O profeta, como servo do Senhor, tinha que obedecer, mesmo que os ouvintes fossem rebeldes ou hostis.

Scott<sup>62</sup> descreve o senso comum das pessoas em olhar para os profetas como homens de gênio incomum, individualistas e reformadores radicais. Mas a grande verdade é que eles foram os servos e enviados do Deus vivo, homens a quem Iahvé chamou e falou ao ouvido. Como servos, não tinham outra opção, senão serem instrumentos do propósito divino. Krüger e Kunz<sup>63</sup> afirmam que a Palavra de Deus se tornava viva na experiência dos profetas e então eles retratavam-na em suas próprias vidas.

A partir da análise dos exemplos citados e da etimologia da palavra serviço a partir do hebraico, pode-se chegar ao entendimento de que o serviço no Antigo Testamento foi instituído por Deus em um caráter infante didático. Havia princípios e conceitos a serem ensinados por Deus e aprendidos por um povo que estava sendo formado dentro de uma nova cultura religiosa monoteísta e guiado por um Deus vivo e presente, diferente de qualquer situação com que haviam tido contato até então.

Embora seja possível ver um desenvolvimento desse conceito na cultura geral do povo de Israel, não foi no Antigo Testamento que o conceito atingiu seu pleno sentido. Por isso é necessário continuar o estudo no Novo Testamento, para conseguir acompanhar esse desenvolvimento. É o que será feito no próximo item.

<sup>60</sup> BRUCE, 2009, p. 1127.

<sup>61</sup> KRÜGER; KUNZ, 2016, p. 17.

<sup>62</sup> SCOTT, 1968, p. 50.

<sup>63</sup> KRÜGER; KUNZ, 2016, p. 14.

## 2. EXEMPLOS DE SERVIÇO NO NOVO TESTAMENTO

A partir da experiência do Antigo Testamento, o conceito de serviço vai se desenvolvendo e assumindo maior complexidade. A língua grega traz novas palavras que apresentam sentidos diferentes e mais profundos.

Hess<sup>64</sup> afirma que o ato de servir frequentemente é traduzido por *diakonia* (e seus derivados) no Novo Testamento. Os sentidos são variados, como:

- a. “Servir à mesa” (Mt 8.15);
- b. “Cuidar de” (Mt 27.55);
- c. O trabalho dos diáconos (1Tm 3.10);
- d. Em conexão com ofertas feitas à igreja (Rm 15.24);
- e. Como expressão para a proclamação do evangelho (2Co 3.3);
- f. Como expressão feita pelo próprio Jesus por ocasião da sua entrega em benefício de todos (Mt 20.28).

Essa palavra, *diakonia*, é usada na forma de substantivo, segundo Hess<sup>65</sup>, com o sentido geral de um serviço amoroso (1Co 16.15) e para todos os serviços da comunidade (Ef 4.12).

Segundo Hess,

...o significado neo-testamentário de *diakonia* deriva da pessoa de Jesus e do seu evangelho [...]. Fica sendo um termo que denota a ação amorosa em prol do irmão e do vizinho, que por sua vez é derivada do amor divino, e também descreve a operação da *koinonia* -> comunhão. Quando Jesus serviu aos Seus discípulos e aos homens em geral, tratava-se de uma demonstração do amor de Deus, e da humanidade do tipo desejado por Deus. [...] Todos devem servir com o dom (~ Dádiva) que Deus lhe deu (1 Pe 4: 10). [...] Esta conclamação ao serviço torna-se obrigatória porque, por detrás dela há o sacrifício de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45).<sup>66</sup>

Os próximos subitens tratarão de modo mais detalhado o conceito de serviço ensinado pelo grande exemplo Jesus, bem como do apóstolo Paulo, que se considerava sobretudo um servo de Jesus Cristo.

<sup>64</sup> In COENEN, 1983, p. 450.

<sup>65</sup> In COENEN, 1983, p. 450.

<sup>66</sup> In COENEN, 1983, p. 451.

## 2.1 O EXEMPLO DE SERVIR EM JESUS CRISTO

Jesus é o maior servo e o grande exemplo no servir. Em algumas passagens bíblicas nas quais ele se apresenta, sempre se coloca como servo. Gusso<sup>67</sup> discorre sobre isso ao falar do texto bíblico do livro de João 13, quando Jesus está se apresentando como Mestre e Senhor. Jesus explica aos seus discípulos essas verdades, e vai se aprofundando nos conceitos. Contudo, quando chega ao ponto mais elevado do ensino daquele dia, Jesus desafia seus discípulos a seguirem a maior de suas lições: ser servo. Se Jesus, sendo Senhor e Mestre, os serviu daquela maneira, também eles deveriam fazer o mesmo.

Piper também exalta essa qualidade na vida de Jesus, quando diz que

[...] o leão é admirável por sua força, ferocidade e aparência de rei. O cordeiro é admirável por sua mansidão e por fornecer lã para nossas roupas, com a humildade de um servo. O mais admirável de tudo, porém, é um cordeiro semelhante a um leão e um leão semelhante a um cordeiro. O que torna Cristo glorioso, conforme Jonathan Edwards comentou há mais de 250 anos, é “um conjunto admirável de características excelentes e diversificadas.”<sup>68</sup>

Entre essas características excelentes e diversificadas, estava a condição de servo, mesmo em meio ao poder sem limites que poderia usufruir. Mello<sup>69</sup> apresenta Jesus como o principal modelo de servo: o Filho de Deus que abdica de todas as glórias terrenas para servir, e assim ensina que o serviço cristão implica em uma submissão voluntária, uma doação humilde, a partir de ações que beneficiam o outro sem se importar consigo mesmo.

O evangelho de Marcos é o que apresenta Jesus como o servo sofredor, segundo Bock.<sup>70</sup> Isso acontece, pois Marcos se dirige a uma igreja sofredora, e falar do chamado para servir, descansar no plano de Deus e ter Jesus como exemplo, é o antídoto para esse momento difícil que a igreja atravessa. Bock<sup>71</sup> explica que a qualidade de servo de Jesus é um exemplo de como o povo de Deus pode viver em um mundo que o rejeita.

O grande princípio de relacionamento que Jesus queria ensinar, segundo Holladay<sup>72</sup>, está no texto bíblico do livro de Marcos 10.43: “...quem quiser

<sup>67</sup> GUSSO, 2004, p. 83-84.

<sup>68</sup> PIPER, 2005, p. 31.

<sup>69</sup> MELLO, 2017, p. 418.

<sup>70</sup> BOCK, 2006, p. 30.

<sup>71</sup> BOCK, 2006, p. 30.

<sup>72</sup> HOLLADAY, 2009, p. 263.



tornar-se importante entre vocês deverá ser servo”. O princípio era: “Maior é o que serve”. Jesus, de maneira graciosa, entendeu o desejo humano de ser grande, mas o direcionou a ações de bondade e serviço. Dificilmente as pessoas conseguem associar humildade com grandeza, mas Jesus mostrou isso o tempo todo, assumindo a condição de servo. Holladay<sup>73</sup> afirma que Jesus ensinava que a verdadeira grandeza vinha do serviço, e este ponto foi um assunto constante em seu ensino. Mello<sup>74</sup> afirma que esse ensino é subversivo, pois inverte a pirâmide social típica do sistema escravagista vigente na época de Jesus, no qual os grandes são servidos.

Wilkes<sup>75</sup> observa que Jesus usou sua condição de servo para influenciar e liderar as pessoas, ensinando um novo e revolucionário paradigma de liderança:

Para Jesus, o modelo de liderança era o serviço. Ele jamais serviu a si mesmo. Num primeiro momento, liderou como servo do Pai Celestial, o qual lhe dera a missão. Se observarmos a vida de Jesus de um nível mais elevado, veremos que tudo o que ele fazia estava a serviço de sua missão. Sua missão pessoal era servir, não à sua própria vontade, mas à vontade do Pai. Jesus disse: ‘Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade; e sim, a vontade daquele que me enviou’.<sup>76</sup>

Wilkes<sup>77</sup> fala a respeito da condição principal de Jesus para ser um servo: Ele tinha um Senhor. Ele servia ao Pai. Isso é um ensinamento importante quando se está estudando a condição de servo de Jesus. O autor diz, a partir disso, que ninguém pode realmente ser um servo, se não tiver um Senhor para servir. A obviedade dessa afirmação contrasta com a realidade das pessoas que querem ser servas, mas não querem ter um Senhor. Outra condição ensinada por Jesus é que, para ser servo, alguém precisa se humilhar. No texto bíblico do livro de Filipenses 2.5-11, Paulo explica como isso aconteceu com Jesus:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus, que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. Pelo contrário, ele se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos

<sup>73</sup> HOLLADAY, 2009, p. 263.

<sup>74</sup> MELLO, 2017, p. 419.

<sup>75</sup> WILKES, 1999, p. 22.

<sup>76</sup> João 6.38 - ARA.

<sup>77</sup> WILKES, 2005, p. 9.

seres humanos. E, reconhecido em figura humana, ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.<sup>78</sup>

A respeito da mesma passagem, Holladay<sup>79</sup> diz que o texto acima citado é um daqueles capítulos que “pelos quais gostaríamos de passar na ponta dos pés sem fazer barulho. É um lugar sagrado”. Holladay enfatiza a primeira parte desse texto, que desafia as pessoas a serem servos como Jesus. O que Ele fez não foi para ser guardado em um quadro na parede, mas para servir de exemplo a toda a humanidade.

Wilkes<sup>80</sup> ainda fala que, ao longo dos anos e da história da igreja, aos poucos as mesas principais foram se tornando símbolos da liderança entre o povo de Deus. As mesas não são ruins em si, mas o autor enfatiza que esses novos símbolos substituíram os símbolos principais da liderança que Jesus viveu e ensinou: a toalha e a bacia. São esses símbolos que precisam voltar a ser os ícones principais da liderança entre o povo de Deus.

O texto bíblico do livro de Isaías 52.13 a 53.12, um dos textos messiânicos mais conhecidos, trata também da qualidade de Jesus como servo, segundo Champlin.<sup>81</sup> Nesse texto profético, Jesus Cristo é retratado como o “servo sofredor”, que é rejeitado, desprezado e odiado por seus próprios irmãos. Entretanto, a despeito desse sofrimento, permanece focado em sua atitude de servo. Archer<sup>82</sup> fala da espantosa vitória de Cristo, através da humilhação. Analisando o texto, Archer cita que o Servo não teria a grandeza terrena que atrai a admiração humana, e sendo servo, não abriria sua boca diante do sofrimento que lhe seria imputado.

Para Ridderbos<sup>83</sup>, o “Servo do Senhor” citado em Isaías, não pode ser outro, senão o Messias. A interpretação de alguns teólogos judeus, que sugerem que este seja o povo de Israel é completamente impossível. Jesus foi o servo

<sup>78</sup> Filipenses 2.5-11.

<sup>79</sup> HOLLADAY, 2009, p. 305.

<sup>80</sup> WILKES, 1999, p. 26.

<sup>81</sup> CHAMPLIN, 2001, p. 2937.

<sup>82</sup> ARCHER, 2001, p. 55.

<sup>83</sup> RIDDERBOS, 2006, p. 420.

sofredor que sofreu calado para que seu povo pudesse ser abençoado. Esse sofrimento, segundo Ridderbos<sup>84</sup>, é comparado ao que os escravos hebreus foram submetidos no Egito, e tudo isso, como um cordeiro que é levado ao matadouro. A condição de servo é levada ao extremo.

Até na eternidade, Cristo continuará servindo ao seu povo, segundo Piper.<sup>85</sup> Nessa ocasião, ele não repartirá com ninguém a glória de ser o doador da graça. No texto bíblico do livro de Lucas 12.37, em uma parábola, Jesus se descreve como aquele que se reclinará à mesa e servirá os seus: “Felizes os servos cujo senhor os encontrar vigiando, quando voltar. Eu lhes afirmo que ele se vestirá para servir, fará que se reclinem à mesa, e virá servi-los” Ele será o doador da graça e receberá sua glória por isso. Seguindo na análise no Novo Testamento, na sequência será observado o exemplo de servir do apóstolo Paulo.

## 2.2 O EXEMPLO DE SERVIR NO APÓSTOLO PAULO

O apóstolo Paulo é um bom exemplo de alguém que decidiu servir a Deus e o fez de maneira absolutamente livre e espontânea. Warren e Wiersbe<sup>86</sup> lembram que Paulo nunca se envergonhou de chamar a si mesmo de “servo de Cristo” (*doulos*). Interessante que esse termo também pode ser traduzido por “escravo”, ou seja, o servo é um escravo, nesse sentido. Paulo faz isso e pode-se observar tal questão nos textos bíblicos dos livros de Romanos 1.1, 2 Coríntios 4.5, Gálatas 1.10 e Filipenses 1.1. Em todos esses textos, Paulo cita com alegria o privilégio de ser um escravo de Cristo. Nos textos bíblicos do livro de 1 Coríntios 3.5 e 2 Coríntios 3.6, como exemplo, Paulo ainda se apresenta como diácono (servo) de Jesus Cristo. Ele não tinha nenhuma dúvida de que era um servo de Deus e foi além, no relato descrito no texto bíblico do livro de 2 Coríntios 4.5, ele se apresenta também como servo do povo de Deus.

Paulo serviu ao povo de Deus como um pai espiritual, segundo Warren e Wiersbe.<sup>87</sup> Paulo os alimentou (1Co 3.1-3), os disciplinou (1Co 4.14-21) e os protegeu (2Co 11.1-6). Essa visão de Paulo de assumir a condição de servo do Povo de Deus era tão intensa, que ele chega a afirmar que trabalhou como uma mãe que cuida dos próprios filhos (1Ts 2.7). Essa figura de uma mãe

<sup>84</sup> RIDDERBOS, 2006, p. 432.

<sup>85</sup> PIPER, 2005, p. 100-101.

<sup>86</sup> WARREN; WIERSBE, 2013, p. 31.

<sup>87</sup> WARREN; WIERSBE, 2013, p. 33.

que cuida dos filhos sugere o cuidado e atenção que Paulo dedicou aos seus “filhos espirituais”. Uma mãe cuidadosa não se afasta do bebê e nem o entrega a babás. Paulo só agiu dessa maneira, pois entendia a condição de servo em relação a Jesus Cristo. Warren e Wiersbe<sup>88</sup> ainda enfatizam o cuidado com o bom exemplo que Paulo tinha, afinal, ele sabia que, como qualquer pai, precisava ensinar através de um bom testemunho, muito mais importante que por palavras. No texto bíblico do livro de 1 Tessalonicenses 2.10 ele diz: “Tanto vocês como Deus são testemunhas de como nos portamos de maneira santa, justa e irrepreensível entre vocês, os que creem”.

Mello<sup>89</sup> afirma que Paulo entendia que seu ministério era como uma resposta à graça que lhe foi outorgada por Deus, para ser ele “ministro de Cristo Jesus entre os gentios”. Esse fato o motivou cada vez mais a ser um servo aos santos. Ele olhava para o exemplo de Jesus, que se esvaziou e assumiu a condição de servo, e o imitava, se descrevendo sempre como servo de Jesus Cristo. Mesmo quando a comunidade dos santos era hostil, como aconteceu na igreja de Corinto, ele continuou a servir, entendendo que o fundamento do servir é o amor a Deus e entender o senhorio de Jesus Cristo.

Caliguire<sup>90</sup> diz que Paulo “nunca buscou as luzes da ribalta”, querendo dizer que nunca buscou para si mesmo outro papel que não o de servo do Senhor. Ele sabia o que era e para o que foi chamado. Ele entendia que, como servo, era parte do trabalho de Deus e não a essência. Por isso, ao entender que seu trabalho havia terminado em uma determinada região, passava de boa vontade para outros irmãos, sem qualquer apego exagerado. Caliguire também lembra que Paulo estava sempre orientando suas ovelhas a serem servos.<sup>91</sup> Quando escreve aos Gálatas, no texto bíblico encontrado no verso 5.13, os aconselha a “serem servos uns dos outros, pelo amor”. O desafio era encontrar a maior e mais completa liberdade, justamente na medida que se tornam servos uns dos outros e do Senhor. Esse é o princípio da liderança-servo: aquele que escolhe servir aos outros enquanto lidera. A escolha não é usar as pessoas para alcançar o sucesso pessoal, mas ajudar os outros a se tornarem bem-sucedidos.

<sup>88</sup> WARREN; WIERSBE, 2013, p. 34-35.

<sup>89</sup> MELLO, 2017, p. 421.

<sup>90</sup> CALIGUIRE, 2004, p. 58.

<sup>91</sup> CALIGUIRE, 2004, p. 187.

Esse entendimento de servo chega a tal ponto que Paulo prefere receber o sofrimento a fim de que seus irmãos sofram menos! É o que escreve Bruce.<sup>92</sup> Segundo o autor, quando Paulo fica contente ao receber sua parte nos sofrimentos de Cristo, não mostra apenas que o apóstolo tinha uma excelente autoestima, mas que ele acreditava que quanto mais recebesse esses sofrimentos pessoalmente, menos sobraria para os seus irmãos.

Por fim, Paulo tinha uma grande expectativa quando olhava para frente e enxergava o final de sua vida. Ele não esperava receber pagamentos ou comemorações que o engrandecessem e fizessem dele um homem notável e bem-sucedido segundo os padrões da sociedade. Segundo Caliguire<sup>93</sup>, tudo o que ele esperava era encontrar o próprio Deus e ouvir dele a seguinte frase: “Muito bom, servo bom e fiel”. Quando Paulo, ao fim de sua vida, diz “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”, citando o texto bíblico do livro de 2 Timóteo 4.7, certamente está se lembrando do que fez na qualidade de servo de Jesus Cristo.

É em Paulo e sobretudo em Jesus que se encontra a plenitude do conceito de serviço na Bíblia. Ainda que na língua original do texto bíblico do Novo Testamento haja também variações de palavras traduzidas como serviço na língua portuguesa, o sentido de cada uma foi aprofundado e chegou ao seu significado máximo em Jesus Cristo, que veio como Servo, para servir.

A partir desse sentido amplo e profundo ensinado por Jesus, pode-se fazer uma aplicação mais precisa do sentido atual da palavra e também do valor espiritual do serviço enquanto elemento presente no processo de santificação de cada discípulo de Jesus. No próximo item, o trabalho pretende mostrar como a igreja primitiva entendeu esse ensino e o aplicou em sua vida cotidiana.

### 2.3 O EXEMPLO DE SERVIR NA IGREJA PRIMITIVA

A igreja que estava iniciando no primeiro século demonstrou, desde o início, ser voltada para servir. A partir do exemplo de Jesus e dos apóstolos, esse valor foi assimilado e vivenciado por boa parte dos primeiros cristãos. Segundo Gusso e Gusso<sup>94</sup> a igreja se preocupava em cuidar dos membros necessitados, e por isso desenvolvia vários serviços, entre eles a ajuda às

<sup>92</sup> BRUCE, 2003, p. 133.

<sup>93</sup> CALIGUIRE, 2004, p. 223.

<sup>94</sup> GUSSO; GUSSO, 2015, p. 37.

viúvas. Na ocasião citada no texto bíblico do livro de Atos 6.1-7, pode-se ver uma igreja comprometida com o servir, e de maneira excelente. A princípio, parece um trabalho simples que poderia ser feito por qualquer um, mas quando se verifica o cuidado com o qual a escolha das pessoas foi realizada, pode-se ver que não era um trabalho que a igreja primitiva acreditava que podia ser feito por “qualquer um”.

Allen<sup>95</sup> fala da reputação dos judeus por fazer boas obras em favor dos pobres e viúvas. A igreja primitiva, formada por, entre outros, judeus convertidos, perpetuaram essa prática, e fizeram das viúvas um grupo reconhecido pela igreja. Segundo Allen<sup>96</sup>, “ninguém pode ser tão indefeso como uma viúva”, então a igreja se organizou para cuidar desse grupo. E nessa organização, separou homens de boa reputação e cheios do Espírito Santo e de sabedoria. Para realizar esse serviço, mesmo parecendo algo simples, eram necessários homens preparados: verdadeiros servos do Senhor.

Gusso e Gusso<sup>97</sup>, analisando o texto bíblico de Atos 6.1-7, informam que cada pessoa que seria escolhida como servo para executar o trabalho de cuidar das viúvas precisava apresentar as seguintes qualidades:

- a. Boa reputação: pessoas que tinham uma boa fama na cidade, portanto confiáveis perante o povo;
- b. Cheios do Espírito: pessoas espirituais, que eram controladas pelo Espírito Santo. Esses servos deveriam mostrar com suas ações que a presença de Deus estava em suas vidas;
- c. Cheios de sabedoria: os apóstolos sabiam que, mesmo uma tarefa simples e urgente, precisava de homens que tinham a capacidade de agir com sabedoria e de forma inteligente;
- d. Cheios de fé: homens e mulheres que tinham uma confiança inabalável no Senhor.

Segundo Marshall<sup>98</sup>, era um costume judaico escolher uma comissão de sete homens para executarem alguma tarefa. Mas o mais notável nessa passagem é o critério com o qual foram escolhidos (citada acima) e a forma como foram empossados, seguindo um paralelo com a nomeação de Josué. A

<sup>95</sup> ALLEN, 1984, p. 64.

<sup>96</sup> ALLEN, 1984, p. 64.

<sup>97</sup> GUSSO; GUSSO, 2015, p. 33-36.

<sup>98</sup> MARSHALL, 1988, p. 123.

igreja estava entendendo que aquela tarefa de servir às pessoas era algo muito importante e por isso merecia tal cuidado.

Gusso e Gusso<sup>99</sup> interpreta a perícopo do texto bíblico do livro de Atos 6.1-7 do ponto de vista do serviço e chega à conclusão que a igreja de Atos era uma igreja na qual o serviço uns aos outros tinha importância fundamental, pois:

- a. A igreja cuidava das necessidades dos seus: eles se preocupavam em cuidar dos membros necessitados, no caso, das viúvas. Naquele momento, havia muitas viúvas em Jerusalém, pois voltavam da Dispersão para viver seus últimos dias na cidade. Era uma necessidade daquele cenário, e a igreja se empenhou em buscar soluções;
- b. A igreja cuidava das questões materiais: a expressão usada no texto bíblico do livro de Atos 6.2 - “servir as mesas” - pode ser também entendida como sendo a administração das ofertas recolhidas. Isso mostra o caráter prático dos ministérios da igreja da época. Se houvesse necessidade de servir às pessoas, isso aconteceria em qualquer âmbito da demanda, e não apenas no espiritual. Mas é bom lembrar que em todos eles, as pessoas escolhidas para desempenhar a missão precisavam ser bem preparadas, como visto acima;
- c. A igreja cuidava das necessidades dos de fora: o texto lido mostra que não há uma importância maior no cuidado com os membros internos em relação às pessoas de fora. Tanto um quanto o outro precisava de cuidado e para isso pessoas espirituais e bem preparadas deveriam estar prontas para servir.

Gower<sup>100</sup> também fala das dificuldades que as mulheres sofriam ao ficarem viúvas nos tempos bíblicos. A viúva não tinha direito à herança do falecido, nem tampouco tinha opções de trabalho digno. A estas, restava casar com um parente próximo ou trabalhar como prostitutas. Por isso, segundo Gower, as igrejas tinham listas com os nomes das viúvas com mais de 60 anos com fins de auxiliá-las em suas necessidades. Paulo, no texto bíblico do livro de 1 Timóteo 5.3-11, recomenda que a igreja liderada pelo jovem pastor sustente as viúvas que não tivessem possibilidade de serem sustentadas por suas famílias.

Tenney, Packer e White Jr<sup>101</sup> citam a atividade de serviço da igreja no

<sup>99</sup> GUSSO; GUSSO, 2015, p. 37-43.

<sup>100</sup> GOWER, 2002, p. 74.

<sup>101</sup> TENNEY; PACKER; WHITE Jr, 2001, p. 20.

cuidado das pessoas, em especial as viúvas, no Novo Testamento. A igreja se organizou para servir essas pessoas em suas necessidades. Mueller<sup>102</sup> vai além, dizendo que viver em comunidade é viver servindo aos outros, e a igreja primitiva entendeu isso, vendo no exemplo de Jesus, aquele que “não veio para ser servido, mas para servir”, citando o texto bíblico de Marcos 10.45<sup>103</sup>:

Ele demonstrou esse princípio, servindo ao Seu povo e aos Seus (como ilustrado em Jo 13.1-17). Servir uns aos outros é, assim, um chamado a sair de si mesmo e dos seus problemas, e se dedicar aos outros. É nessa exteriorização que está o fundamento da ética cristã, como vida de serviço aos outros “enquanto outros” (ou seja, não uma extensão de mim próprio, ou “outros” a quem eu comando ou manipulo, e coloco dentro do meu esquema). A palavra grega é *diakonantes*, *de onde vem diaconia, serviço. Aqui, ela tem um significado abrangente, incluindo todo tipo de serviço que se pode prestar a outros (em palavra e ação)*.<sup>104</sup>

Mueller<sup>105</sup> continua sua descrição, dizendo que esse valor do serviço uns aos outros só foi possível, porque a igreja primitiva entendeu que cada discípulo de Jesus recebeu dons (capacitações sobrenaturais dadas pelo Espírito Santo à sua igreja), com os quais podem servir uns aos outros. Santos<sup>106</sup>, estudando o texto bíblico do livro de Romanos 14.19, fala sobre a edificação mútua que existia na igreja, na qual cada servo entendia a sua função como promotores do crescimento e amadurecimento na fé. Como resultado, havia um compartilhamento de ideias e conceitos que promoviam crescimento.

Muzio<sup>107</sup> cita o caso de Dorcas, comentado por Lucas no texto bíblico do livro de Atos 9.36-42. O trabalho de diaconia de Dorcas era tão bem feito, que os pobres não podiam ficar sem ela. As roupas que ela fazia ajudavam a muitos, e por isso Pedro foi convocado a ir até Jope para fazê-la reviver. Muzio também afirma que a igreja primitiva vivia como uma comunidade diaconal, pois compartilhavam suas posses uns com os outros para que ninguém passasse necessidade.

<sup>102</sup> MUELLER, 1991, p. 238.

<sup>103</sup> BÍBLIA, 2007, p. 808.

<sup>104</sup> MUELLER, 1991, p. 239.

<sup>105</sup> MUELLER, 1991, p. 239.

<sup>106</sup> SANTOS, 2016, p. 33-34.

<sup>107</sup> MUZIO, 2010, p. 118.



Mueller<sup>108</sup> deixa claro que o grande propósito dos dons é o serviço dentro da comunidade cristã: a igreja. Como cada discípulo de Jesus recebe ao menos um dom, esse fato faz com que todos sejam considerados igualmente importantes uns para com os outros. A igreja primitiva entendeu isso, e todos serviam uns aos outros, dentro de suas próprias capacidades naturais e sobrenaturais. Mueller discorre sobre o assunto, explicando que o termo usado no texto bíblico de 1 Pedro 4.10 para descrever a pessoa que vai executar o serviço é *oikonomoi*, traduzido como despenseiro:

[...] um termo técnico referente ao mordomo, o administrador da casa (lembrando que “casa” é a *oikos* do mundo da época, uma instituição social fundamental, a “comunidade doméstica” que incluía família e trabalhadores, bem como os hóspedes). O *oikonomos* era o encarregado de atender as necessidades de todos, administrando os bens nessa direção. É uma bela figura para o papel dos cristãos na igreja. (e note-se que todos o são). Todos na “casa de Deus” têm necessidade de “graça”, e todos são chamados a suprir essa necessidade mutuamente. E não devemos espiritualizar em demasia a questão, pois essas necessidades muitas vezes serão bens materiais e rotineiras. E o chamado ainda é para ser bons despenseiros [...].<sup>109</sup>

O quadro a seguir mostra a evolução do termo servo nos exemplos citados, desde o Antigo, até o Novo Testamento:

**QUADRO 1:** O desenvolvimento do sentido da palavra serviço na Bíblia<sup>110</sup>

Palavra no original	Sentido	Situação usada	Texto
‘ <i>abad</i>	Serviço militar	Sacerdotes	Números 8
‘ <i>abad</i>	Serviço	Ajudantes de Neemias	Neemias 3
doulos	Escravo espontâneo	Paulo	Romanos 1
diaconos	Servo	Paulo	1 Coríntios 3
doulos	Escravo espontâneo	Jesus	João 13
diaconia	Serviço amoroso	Jesus	Mateus 20

<sup>108</sup> MUELLER, 1991, p. 239.

<sup>109</sup> MUELLER, 1991, p. 239-240.

<sup>110</sup> FONTE: Adaptado pelo autor

A igreja primitiva conseguiu perceber no exemplo de Jesus e de seus principais líderes o valor do servir uns aos outros, e construiu uma comunidade viva e acolhedora, onde o “uns aos outros” tinha uma importância fundamental. O grande desafio para a igreja atual é observar esses bons exemplos para entender o princípio e aplicar em seus relacionamentos e prática de vida. A próxima seção tem por objetivo mostrar como isso pode ser possível nos tempos atuais.

### 3. A PRÁTICA DO SERVIR NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

O serviço no meio da igreja atual tem sido um grande desafio para qualquer igreja. A experiência do autor como pastor por mais de 20 anos em diferentes igrejas mostra que trazer uma experiência viva do princípio de servir para cada voluntário é um enorme desafio. Mais à frente o trabalho especificará esses desafios.

Martins<sup>111</sup> afirma que o servir é uma das principais características de qualquer discípulo de Jesus, já que o modelo – Cristo – veio para servir, e não para ser servido. Segundo o autor, muitos confundem o exercício do serviço cristão com o cargo de diácono, o que é um equívoco. Mello<sup>112</sup> indica que a comunidade cristã atual deve se valer desse exemplo dado por Jesus e pautar sua vida cristã pelo amor e serviço uns aos outros. Esse cuidado de uns para com os outros é uma vocação do povo de Deus, portanto o serviço cristão deve ser parte da vida de cada cristão.

Segundo Martins<sup>113</sup>, o serviço cristão...

[...] é uma prática de espiritualidade gerada no homem a partir da graça de Deus, como vocação para preservar a vida em todo o cuidado que ela requer. Destacando que essa atitude de cuidado tem um brilho que ilumina ao redor, o qual é emanado da Luz de Cristo e que impulsiona o homem para servir e cuidar da vida. [...] O homem é capacitado para o serviço cristão pelo Espírito Santo com dons e talentos (1 Coríntios 12.5; 1 Pedro 4.10), que devem ser usados visando o serviço do Reino.

Vaters<sup>114</sup> fala da importância de as pessoas buscarem uma igreja não pelo

<sup>111</sup> MARTINS, 2016, p. 28.

<sup>112</sup> MELLO, 2017, p. 419.

<sup>113</sup> MARTINS, 2016, p. 28-29.

<sup>114</sup> VATERS, 2017, não paginado.

que essas podem oferecer à pessoa, mas pensando no que essa pessoa pode oferecer como serviço. Não buscando uma igreja que atenda bem a alguém, mas que leve seus membros a servirem uns aos outros. Segundo Vaters, muitas igrejas se esforçam para oferecer excelência técnica, quando deveriam se preocupar em oferecer vida, através do serviço cristão legítimo.

Mas qual é a grande motivação que deve impulsionar esse serviço? Mello<sup>115</sup> afirma que a compaixão e o servir ao próximo é o motor da ação diaconal. Usando a parábola do bom samaritano, contada por Jesus e registrada no texto bíblico do evangelho de Lucas, capítulo 10, Mello afirma:

[...] o evangelho de Lucas retrata Jesus como aquele que veio em favor dos pobres e excluídos: crianças, mulheres, viúvas, gentios e doentes ganham atenção especial. [...] A perícopes inicia quando um certo intérprete da Lei questiona Jesus sobre o que deve ser feito para herdar a vida eterna. Por seu interlocutor tratar-se de alguém versado nas Escrituras, Jesus lhe devolve a pergunta, que é prontamente respondida com base na citação de Deuteronômio 6.5 e Levítico 19.18. Jesus dá anuência à resposta. Contudo, o intérprete da Lei insiste, questionando: ‘Quem é meu próximo?’ Jesus então responde contando a parábola, cujo tema central aponta a importância dos atos de misericórdia. [...] Em todo o evangelho de Lucas, percebe-se na compaixão um distintivo fulcral.<sup>116</sup>

Muzio<sup>117</sup>, falando de igrejas que transformam a nação, fala da importância de trabalhar para implantar os valores do Reino na sociedade, e isso se faz por meio da vocação da igreja para servir, entre outras coisas. Ele afirma que, quando a igreja cumpre de maneira completa a sua missão, a consequência natural é que o serviço e a dedicação à sociedade apareçam e sejam marcas importantes. No decorrer da história, segundo Muzio, a igreja foi deixando marcas na sociedade por sua vocação em servir, e isso precisa continuar a ser uma característica do Povo de Deus. O serviço, segundo Muzio<sup>118</sup> é uma das marcas e funções da igreja. Ele lembra que essa era uma das marcas da igreja primitiva. A igreja de hoje perdeu o equilíbrio entre o serviço a Deus (adoração)

<sup>115</sup> MELLO, 2017, p. 420.

<sup>116</sup> MELLO, 2017, p. 420.

<sup>117</sup> MUZIO, 2010, p. 57.

<sup>118</sup> MUZIO, 2010, p. 118.

e o serviço aos seus semelhantes (diaconia/amor), e isso precisa ser repensado para que não se perca as duas dimensões do amor que Jesus ensina nos dois mandamentos: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento” e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’”, citando o texto bíblico do livro de Lucas 10.27.

Schwarz<sup>119</sup>, quando fala das oito marcas de uma igreja saudável, fala ao menos de duas marcas que remetem ao serviço. A segunda marca que ele cita é o “Ministério Orientado pelos dons”, no qual ele explica que quando uma pessoa se orienta pelo seu dom onde vai servir, é capaz de fazer coisas muito especiais, mesmo que seja bem normal. Infelizmente, segundo Schwarz, muitas igrejas atuais inventam ministérios e depois saem à procura de voluntários que se adaptem às tarefas, usando de pressão para ter sucesso nessa empreitada. A oitava marca citada por Schwarz<sup>120</sup> é “Relacionamentos marcados pelo amor fraternal”. É uma marca voltada mais para a atividade relacional, contudo uma igreja que vive esse amor tem mais facilidade para servir uns aos outros. Pequenos atos de serviço acontecem de maneira natural onde o ambiente é favorável a isso.

Mello<sup>121</sup> cita a compreensão de que o serviço cristão seja um princípio eclesiológico fundamental, isto é, um elemento da própria natureza da igreja, que revela o seu caráter e finalidade, enquanto agente do reino de Deus. Segundo Mello, “o serviço é uma prática orientada pelo amor a Deus e que visa à glória de Deus”.

Ao longo das Escrituras, as pessoas são chamadas para servir àqueles que as cercam. É o que afirma Crowe<sup>122</sup>, citando os textos bíblicos dos livros de 1 Pedro 4.10 e Gálatas 5.13. Quando pessoas comuns que amam a Jesus e sua Igreja decidem servir, esse serviço faz todo sentido, pois vem naturalmente do amor que fundamenta a fé. Entretanto, Crowe faz uma ponderação: serviço aceitável não é só o que você pode fazer, mas também porque você faz e como você faz. As razões que o levaram a servir e a excelência que você investe, fazem toda a diferença.

Aqui cabe uma reflexão: não há dúvidas de que o valor bíblico do serviço

<sup>119</sup> SCHWARZ, 1996, p. 24.

<sup>120</sup> SCHWARZ, 1996, p. 36.

<sup>121</sup> MELLO, 2017, p. 424.

<sup>122</sup> CROWE, 2018, não paginado.

precisa estar na vida de cada discípulo e na vida da igreja, permeando tudo o que é feito. Servir faz parte da essência do cristão. Mas é necessário refletir quais são as razões que devem motivar alguém a servir e como esse serviço será feito. Uma tarefa qualquer sendo executada na igreja pode ser um simples trabalho. Contudo, quando é feita com a motivação e o jeito correto, se torna o serviço cristão que agrada o coração de Deus, como descreve o texto bíblico do livro de Colossenses 3.23: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor e não para as pessoas”.

#### 4. O PRINCÍPIO DO SERVIÇO NA EXPERIÊNCIA DO VOLUNTARIADO

A primeira reflexão que pode ser feita sobre o princípio bíblico sendo aplicado na experiência do voluntariado, é a respeito da motivação. Infelizmente, um voluntário pode se apresentar na igreja para trabalhar com motivações erradas. O serviço enquanto princípio bíblico é impossível de ser feito sem a motivação correta: e essa precisa ser o amor, primeiramente a Deus e em seguida, ao próximo. O texto bíblico do evangelho de João 13 traz a narrativa da lavagem dos pés dos discípulos por Jesus, e começa dizendo que Jesus amou os seus discípulos. Para servir de verdade, é necessário amar ao Senhor e amar as pessoas, como o mandamento de Jesus ensina. A partir desse amor, o discípulo de Jesus naturalmente investe tempo e recursos para realizar ações que beneficiam o próximo e não exatamente a ele próprio.

Contudo, a igreja pode ter voluntários trabalhando em suas atividades com motivações egoístas, como sugerido por Batson.<sup>123</sup> As motivações egoístas, segundo esse autor, promovem bem-estar ao próprio indivíduo, e na igreja isso pode estar ligado a busca de status, poder ou influência dentro da comunidade. Para Fischer e Schaffer<sup>124</sup>, isso ocorre quando o indivíduo busca aumentar seu círculo de contatos através do trabalho voluntário para conseguir incremento em sua condição sócio financeira. Infelizmente na igreja isso pode acontecer, por isso é necessário um acompanhamento dos voluntários a fim de pastoreá-los e fazê-los entender o que deve estar por trás do trabalho.

Piragine<sup>125</sup> menciona os valores que precisam ser ensinados ou aprendidos pela igreja para que se possa servir da maneira correta: crescer na intimidade

<sup>123</sup> BATSON, 1991, não paginado.

<sup>124</sup> FISCHER; SCHAFFER, 1993.

<sup>125</sup> PIRAGINE, 2015, p. 66-73.

com Deus, através da leitura da Palavra, de uma vida de oração e submissão ao Espírito Santo, mas também crescer nas relações com as pessoas, sejam de fora da igreja ou daquelas que fazem parte da igreja, aprendendo a amá-las e servi-las com os dons recebidos pelo Espírito. Esse ensino vai levar o voluntário a entender a quem Ele serve em primeiro lugar: a Deus. Mas ao mesmo tempo que seus olhos estão voltados para o Senhor, suas mãos e pés estão aqui na terra, voltados para as pessoas, na atividade de servir. Wright<sup>126</sup> afirma que não é possível um indivíduo conhecer sua missão, sem conhecer o seu Deus em profundidade, na experiência da revelação bíblica e de sua própria salvação. Portanto, para que um voluntário se desenvolva e se torne um servo, é necessário que ele aprenda esses valores e princípios em sua jornada de crescimento.

A partir dessa experiência de aprendizado e crescimento, a igreja tende a se motivar a servir pelos caminhos corretos. Warren escreve sobre as motivações comuns que impulsionam a igreja atual:

- a. Tradição: igrejas que são motivadas pela perpetuação daquilo que já foi proposto no passado. Indivíduos servem, mas muitos não entendem porque estão servindo;
- b. Personalidades: igrejas que são motivadas pela vontade do líder. Se o pastor pediu, o indivíduo faz. Se não pediu, não faz;
- c. Programas: igrejas que são motivadas pela agenda. Aquilo que foi planejado, precisa acontecer e por isso precisa de pessoas para trabalhar.<sup>127</sup>

Nenhuma dessas motivações pode guiar a vida de um verdadeiro servo de Deus. Warren explica que a igreja precisa ser motivada por propósitos, descritos na Palavra de Deus. Um deles, segundo Warren, é o serviço, no qual as pessoas demonstram amor a Deus e aos outros.

A segunda reflexão que se pode fazer é a maneira como são feitas as ações. Um dos grandes problemas em qualquer organização que se utiliza do voluntariado é a rotatividade. O voluntário frustra-se com o trabalho, e isso o leva a abandonar o seu posto, causando prejuízos à sua organização. Os motivos mais comuns desse abandono, segundo Lopes<sup>128</sup> são: ausência de

<sup>126</sup> WRIGHT, 2012, p. 39.

<sup>127</sup> WARREN, 1998, p. 96-100.

<sup>128</sup> LOPES, 1978, p.239.

oportunidades de progresso, chefia autoritária, deficiência da seleção inicial, ausência de treinamento, favoritismo, perigo e desconforto no trabalho e um sistema de dois pesos e duas medidas.

A igreja atual precisa prestar atenção nesses motivos e criar mecanismos que eliminem ou diminuam essas causas, ajudando o voluntário em seu processo de estabilização e fidelização em sua atividade. O autor da pesquisa, em palestra ministrada na cidade de Brasília, na Igreja Batista Memorial de Brasília, em 16 de maio de 2010, menciona que o voluntário na igreja pode passar por cinco sentimentos que desanimam o seu entusiasmo inicial, a saber: sente-se usado, isolado, desvalorizado, desconectado e entediado.

Isso acontece, em parte, porque o voluntário não entendeu sua posição de servo diante de Deus e das pessoas, e precisa ser ensinado a partir desses princípios. Na mesma palestra, o autor sugere que a igreja local precisa organizar-se para combater essas percepções e trabalhar para que elas não se tornem crônicas em seus voluntários. Isso pode ser feito levando em consideração questões necessárias para contrapor cada um dos sentimentos/percepções, tais como:

- a. O voluntário se sente usado: precisa ser apreciado;
- b. O voluntário se sente isolado: precisa entender que pertence;
- c. O voluntário se sente desvalorizado: precisa ser celebrado;
- d. O voluntário se sente desconectado: precisa ser conectado;
- e. O voluntário se sente entediado: precisa ser desafiado.

**QUADRO 2:** Os sentimentos do voluntário e as estratégias da organização<sup>129</sup>

<b>Voluntário se sente</b>	<b>Usado</b>	<b>Isolado</b>	<b>Desvalorizado</b>	<b>Desconectado</b>	<b>Entediado</b>
<b>Estratégia</b>	Apreciar	Pertencer	Celebrar	Conectar	Desafiar

Seguindo o raciocínio, o autor propõe estratégias para que o voluntário se desenvolva dentro do conceito de servir, percebendo-se bem com sua condição de servo:

- a. O voluntário se sente usado: para auxiliar nessa dificuldade, o

<sup>129</sup> FONTE: O autor.

- voluntário precisa se sentir afirmado. Isso significa que na prática ele precisa entender que Deus observa o seu trabalho e aprecia o mesmo.
- b. O voluntário se sente isolado: para auxiliar nessa questão, o voluntário necessita perceber o amor de Deus e das pessoas por ele. A percepção de pertencimento é algo importante. Reinke<sup>130</sup> escreve sobre isso, dizendo que o ser humano tem a necessidade básica de fazer parte de um grupo. Afirma que cada um precisa sentir que pertence a um grupo e que o grupo lhe pertence. O autor chama isso de “pertencimento”;
  - c. O voluntário se sente desvalorizado: para auxiliar nessa questão, o voluntário precisa se sentir valorizado, percebendo o quanto Deus valoriza aqueles que O servem, enquanto servem aos outros;
  - d. O voluntário se sente desconectado: para auxiliar nessa questão, o voluntário precisa se sentir incluído, entendendo a grande visão: uma igreja que se dedica a cumprir a missão de Deus;
  - e. O voluntário se sente entediado: finalmente, para auxiliar nessa questão, o voluntário precisa se sentir desafiado a crescer nas seguintes questões: intimidade com Deus, no relacionamento com as pessoas e também nas ferramentas para desempenhar melhor o seu serviço.

### QUADRO 3: Os objetivos da organização em relação aos voluntários<sup>131</sup>

Voluntário se sente	Usado	Isolado	Desvalorizado	Desconectado	Entediado
<b>Estratégia</b>	Apreciar	Pertencer	Celebrar	Conectar	Desafiar
<b>Voluntário precisa perceber-se</b>	Afirmado	Amado Necessário Útil	Valorizado Importante	Incluído Parte do time	Desafiado a crescer Motivado a aprender

Na prática, o autor ainda sugere ações que podem ser trabalhadas pelos líderes a fim de alcançar os objetivos, para que o voluntário tenha a percepção correta de sua função:

- a. Se perceber afirmado:
  - Agradeça;
  - Faça afirmações positivas (bilhetes, palavras);

<sup>130</sup> REINKE, In CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 10.

<sup>131</sup> FONTE: O autor.



- Lembre-os que Deus percebe o seu trabalho;
- Dê abraços, apertos de mão, cumprimentos;
- Mostre que você os notou: *feedbacks*;
- Crie uma cultura de afirmação - elogios;
- Pontue a contribuição individual para o time.

b. Se perceber amado:

- Mostre o quanto Deus o ama;
- Mostre que o grupo o ama;
- Crie um senso de time - no qual cada um faz sua parte, mas cada parte é importante;
- Evite criar grupos (por horário ou escala) - Use “nós”;
- Lembre-os que seus dons são necessários para completar o time;
- Crie uma atmosfera de diversão e família.

c. Se perceba valorizado:

- Ensine o valor do serviço na Bíblia e o quanto Deus valoriza o servir;
- Mencione o valor que eles agregam para o Reino de Deus e a organização;
- Celebre vitórias individuais ou do time;
- Faça ligações entre o que eles estão fazendo e a visão geral do Reino de Deus e o ministério;
- Sempre valorize a opinião pessoal;
- Faça festas de fim de ano.

d. Se perceba incluído:

- Ensine sobre a missão de Deus, e como a igreja, o ministério e o trabalho dele se encaixam dentro dessa missão;
- Construa conexões pessoais entre o voluntário e a equipe desde o primeiro dia;
- Mantenha-o informado com mensagens ou telefonemas;
- Ore por seus pedidos pessoais nas reuniões da organização;
- Mantenha contato regular;
- Crie um boletim impresso ou *online* que fale de tudo o que acontece na organização e faça com que todos tenham acesso.

- e. Seja desafiado a crescer:
- Ensine sobre a importância imprescindível de buscar intimidade com Deus para realizar com excelência qualquer tarefa no Reino de Deus;
  - Ensine a importância de crescer no relacionamento com as pessoas e no servir uns aos outros;
  - Compartilhe necessidades e sonhos que Deus tem para a organização no futuro;
  - Inclua os voluntários nas decisões sobre o futuro;
  - Desafie os voluntários a subir um degrau e aceitar desafios maiores, espirituais e de serviço;
  - Fale aos voluntários no que você os vê crescendo (especificamente);
  - Coloque metas (espirituais e de serviço) para serem alcançadas.

**QUADRO 4:** Atividades práticas para cuidado do voluntário<sup>132</sup>

<b>Voluntário se sente</b>	<b>Usado</b>	<b>Isolado</b>	<b>Desvalorizado</b>	<b>Desconectado</b>	<b>Entediado</b>
<b>Estratégia</b>	Apreciar	Pertencer	Celebrar	Conectar	Desafiar
<b>Voluntário precisa perceber que é</b>	Afirmado	Amado Necessário Útil	Valorizado Importante	Incluído Parte do time	Desafiado a crescer Motivado a aprender
<b>Ações</b>	- Abraçar - Cumprimentar - Sorrir - Ensinar que Deus percebe - Agradecer - Elogiar	- Ensinar que Deus o ama - Desenvolver senso de time - organizar tempo de oração - Evitar grupos - Identificar dons pessoais - Criar atmosfera de diversão e família	- Ensinar que Deus valoriza o servir - Celebrar objetivos - Evidenciar o valor do serviço no Reino de Deus - Organizar festas de aniversariantes	- Fazer conexões pessoais - Orar pelos pedidos - Compartilhar comunidades - Fazer a conexão do trabalho individual com a visão do todo	- Incentivar a busca da intimidade com Deus - Compartilhar necessidades e sonhos - Incluir os voluntários nas decisões - Desafiar - Colocar metas

O princípio bíblico do serviço deve ser aplicado a cada etapa desse processo,

<sup>132</sup> FONTE: O autor.

fazendo com que o voluntário entenda que está ali pela motivação correta: servir a Deus e ao próximo. Muzio<sup>133</sup> afirma que o serviço é parte fundamental da natureza da igreja. Da mesma maneira que a igreja lê o texto bíblico do livro de Mateus 28 e entende sua missão de evangelizar e discipular - a Grande Comissão -, precisa ler o texto bíblico do livro de Mateus 25 e entender sua missão de servir - A Grande Compaixão.

A cada etapa do processo de ensino do voluntário (Apreciar, Pertencer, Celebrar, Conectar e Desafiar), é necessário aplicar o valor bíblico do servir. Ao apreciar, o voluntário entende o seu valor para Deus e o privilégio de servir. No processo de perceber que pertence a um grupo, o voluntário precisa entender que recebeu seu dom do Espírito Santo e agora precisa usá-lo para abençoar outros, servindo. Ao celebrar sua vida e presença, o voluntário precisa entender o valor do serviço e das pessoas que o cercam. No processo de conexão, o voluntário precisa entender o conceito de igreja e a missão que Deus tem para esta. Finalmente, no desafio, a igreja tem o maior objetivo em relação aos voluntários: fazê-los entender que necessitam buscar intimidade profunda com o Senhor, de maneira que isso os leve a amar também as pessoas, como Deus ama. Piragine<sup>134</sup> afirma que esse amor verdadeiro pelas pessoas se inicia a partir da proximidade e entendimento do amor de Deus para com as pessoas. O indivíduo que se aproxima de Deus vive um novo estilo de vida, e o amor deixa de ser uma figura retórica, mas algo real, capaz de produzir mudança e transformação social.

Como pode ser observado, o sentido do princípio do serviço foi se desenvolvendo ao longo da revelação bíblica. Iniciou-se com a ideia de algo obrigatório, feito como um ritual ou serviço de guerra diretamente a Deus, mas aos poucos foi se expandindo até chegar no binômio Deus/pessoas. O ápice desse entendimento foi atingido por Jesus, que servia ao Pai, enquanto servia amorosamente às pessoas. É exatamente esse tipo de serviço que deve ser vivenciado por cada discípulo de Jesus nas igrejas espalhadas pelo país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande motivação para a elaboração desse artigo era responder a questionamentos feitos pelo autor durante seus anos de trabalho com

<sup>133</sup> MUZIO, 2010, p. 119.

<sup>134</sup> PIRAGINE, 2015, p. 90.

voluntários em comunidades eclesiais. Ao longo da escrita, naturalmente se levantaram outros questionamentos e o processo de levantamento bibliográfico trouxe respostas claras e animadoras para o panorama atual do voluntariado nas igrejas brasileiras.

As igrejas recebem voluntários para todos os fins. São pessoas que limpam os prédios, servem as pessoas, cuidam de crianças, tocam instrumentos, cantam músicas, ajudam a estacionar, preparam almoços, organizam acampamentos, fazendo que o alcance dessas instituições seja multiplicado e seu propósito atingido.

O desafio é receber os voluntários que chegam com alta motivação e orientá-los, a partir dos conceitos bíblicos, para que possam se desenvolver e se tornar verdadeiros servos. Entretanto, como um voluntário pode ser desenvolvido para efetivamente servir?

O artigo verificou os contextos e significados da palavra “serviço” e seus derivados (servir, servo) no texto bíblico. O que se percebeu, durante a pesquisa bibliográfica, foi o desenvolvimento do sentido da palavra “serviço” no texto bíblico, desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento. São diversas palavras nos originais hebraico e grego que são traduzidas para “serviço” no português, e cada uma delas tem uma conotação ou origem diferentes. Há uma nítida impressão de que o ensino do princípio bíblico precisava começar com elementos simples, concretos, até chegar a elementos mais complexos e abstratos. Esse desenvolvimento do sentido da palavra dá uma direção para o indivíduo entender como pode crescer, como voluntário, através da vivência do princípio bíblico nos dias de hoje. A pessoa pode até começar a trabalhar como um simples voluntário, mas precisa se tornar um servo.

Paralelamente ao estudo da palavra “serviço”, foram pesquisados, também no texto bíblico, exemplos de práticas da ação de servir, por parte de pessoas ou grupos de pessoas que viveram em contextos diferentes e também foram desenvolvendo o entendimento do princípio. Não era apenas o sentido da palavra que se aprofundava e ampliava, mas o entendimento prático da ação, conforme a revelação bíblica acontecia. Esse desenvolvimento acompanhou a ampliação e aprofundamento de vários outros conceitos e valores que Deus ensinava ao povo, como fidelidade, amor ou cuidado.

No contexto do Antigo Testamento, quando o processo de ensino foi iniciado, o serviço era algo obrigatório, com uma conotação semelhante ao

serviço militar. As pessoas eram escolhidas e obrigadas a fazer as tarefas. Isso aconteceu com os sacerdotes e levitas. O indivíduo era como um escravo, sem qualquer vontade ou escolha pessoal. Não havia um entendimento profundo de que aquele trabalho estava agradando a Deus ou abençoando pessoas. O indivíduo não precisava entender e assimilar todas essas nuances do princípio, mas bastava que ele apenas executasse as tarefas. Ainda no Antigo Testamento, esse sentido começou a se desenvolver, trazendo elementos de cooperação entre pessoas (servos de Neemias) e da não obrigatoriedade militar (profetas).

Mas foi no contexto do Novo Testamento que o sentido chegou ao seu ápice. Jesus Cristo trouxe uma nova maneira de pensar e viver a questão do servir. Ele próprio, sendo Deus, decidiu vir ao mundo para servir, e não para ser servido. Ele, por escolha própria, decidiu servir ao seu Senhor, o Pai. A atmosfera é completamente diferente nessa situação. O servo continua a ser servo, sem escolhas e sem vontade. Um escravo, de fato. Mas o indivíduo *escolhe* ser servo, e esse elemento faz toda a diferença. Não é mais como um serviço militar obrigatório, mas uma decisão pessoal de se submeter e servir, para agradar ao seu Senhor e abençoar o próximo. Esse conceito foi percebido no decorrer da pesquisa de duas formas: a ideia central já estava presente no texto bíblico, no livro de Êxodo 21.1-6, quando explica a possibilidade de um escravo escolher continuar a ser escravo de seu senhor, entretanto, o conceito de servir foi se desenvolvendo lentamente até se encontrar com essa ideia, e como Jesus, dar a possibilidade do indivíduo escolher continuar a servir por livre e espontânea vontade.

Jesus Cristo, por escolha pessoal, feita não sem luta, decidiu viver entre os homens, e servi-los. Por isso lavou os pés dos discípulos; por isso andou com pessoas desprezadas pela sociedade da época; por isso foi o servo sofredor e por isso vai servir ao seu povo até na eternidade. Jesus mudou completamente o paradigma de liderança, ensinando que aquele que quiser ser o maior, primeiro precisa ser o menor, aquele que serve.

A partir do exemplo de Jesus, o apóstolo Paulo também desenvolveu em sua vida o princípio de servir: a Deus e ao próximo. Em várias situações ele usou o termo “escravo” para se apresentar, deixando claro que estava ali para servir. De fato, ele assim o fez, diante do povo de Deus, a quem considerava filhos e os tratava como uma mãe serve aos seus filhos. Nunca quis aparecer mais que ninguém, nunca buscou ser alguém além de um servo. Na verdade,

nesse propósito de viver como um servo, chegou ao ponto de se alegrar no sofrimento, pois acreditava que, fazendo isso, poderia fazer com que seus companheiros pudessem ser aliviados.

A igreja primitiva também assimilou o ensino de Jesus e, de modo geral, foi uma igreja diaconal, ou seja, preocupada em servir uns aos outros. Isso pode ser visto no cuidado que tinham com as viúvas da época, e no “uns aos outros”, termo tão presente em todo o Novo Testamento. A igreja primitiva entendeu que os dons do Espírito Santo, recebidos por cada pessoa, além de glorificar a Deus, tinham também por propósito o serviço e então viviam esse princípio de maneira natural.

Todos esses exemplos mostraram que o princípio bíblico do serviço foi se desenvolvendo e sendo assimilado pelo povo de Deus ao longo da história. Como um pai ensina seus filhos primeiramente de maneira simples e concreta, e conforme eles vão crescendo, vai aumentando a complexidade e profundidade, Deus assim o fez. E seu povo foi respondendo ao ensino, crescendo também na prática do serviço, até chegar aos tempos atuais.

A igreja contemporânea perdeu boa parte desse princípio ao longo dos anos, e precisa imediatamente retornar a viver o ensino de Jesus nessa questão. Isso se verifica quando a ênfase pende para a tarefa em si, e não a maneira como ela é realizada. Vários estudiosos citados ao longo do trabalho afirmaram que o serviço uns aos outros é uma das marcas que caracterizam uma igreja saudável. O serviço faz parte da natureza do povo de Deus e por isso precisa ser resgatado e valorizado enquanto princípio, independente da tarefa, mais simples ou mais complexa. As pessoas podem se voluntariar na limpeza e fazer essa tarefa como verdadeiros servos, e assim agradecer ao seu Senhor, tanto quanto a pessoa que se voluntaria para cantar nos cultos, permeada com o mesmo princípio.

O que importa não é tanto *o que* alguém faz, mas *como* faz. A pessoa pode desempenhar uma série de tarefas voluntárias na igreja e até ser excelente na execução delas, mas ainda assim não ser um servo. A motivação precisa ser o amor a Deus e às pessoas. Para desenvolver esse amor, cada indivíduo precisa buscar intimidade com Deus, através de uma vida de oração, leitura da Palavra de Deus e submissão ao Espírito Santo. Também precisa buscar crescer nas relações interpessoais, pois, ao mesmo tempo que os olhos estão voltados para o Senhor, as mãos e os pés estão na terra, voltados para as pessoas.

Quando o amor a Deus e às pessoas está permeando o trabalho voluntário, o indivíduo se aproxima do propósito de Deus para seu povo. O voluntário se torna um servo. Esse indivíduo pode ser assalariado ou voluntário, e ele vai servir onde estiver, pois entendeu o seu propósito. Entretanto, isso não quer dizer que a instituição pode tratá-lo de qualquer jeito, pois ele continua sendo uma pessoa, passível de sentimentos e percepções que podem desfigurar sua atitude e propósito. Por isso o artigo sugeriu um modelo de gestão dos voluntários que presta atenção no indivíduo e suas percepções.

O voluntário precisa fazer a parte dele, buscando os propósitos mais nobres e excelentes, mas a instituição precisa tomar cuidado para que o voluntário não se sinta usado, isolado, desvalorizado, desconectado ou entediado. Essas percepções que o voluntário pode desenvolver, com frequência tem tirado o foco do princípio, levando o voluntário a perder-se em seus objetivos iniciais. Uma série de estratégias e ações precisam ser organizadas para manter o voluntário no foco correto, entendendo que é importante para a organização. Essa gestão pode resultar na retenção desse indivíduo, diminuindo assim a rotatividade, problema tão recorrente entre o trabalho voluntário. Isso não é privilégio apenas de grandes igrejas ou organizações, mas algo que pode ser pensado, organizado e implantado em qualquer lugar.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, C. J. (Ed. Ger.). **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

ARCHER Jr, G. L. In: PFEIFFER, C. F., HARRISON, E. F. **Comentário Bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001. Volume 3.

BARBER, C. J. **Neemias e a dinâmica da liderança eficaz**. Traduzido por Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1982.

BATSON, C. D. **The altruism question**: toward a social-psychological answer. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates, 1991.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do ministro com concordância**. Nova versão internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

BOCK, D. L. **Jesus segundo as escrituras**. Traduzido por Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Traduzido por Waldemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.

BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003.

CALIGUIRE, J. **Os segredos de liderança de Paulo**. Traduzido por Paulo Purim. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CHAMPLIN, R. N. **Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. Traduzido por Mauro Wanderley Terrenghi. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2002. Volume 6.

COENEN, L. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. Volume 4.

CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil**. Curitiba: CBPSB, 2010.

CRAIGIE, P. C. In: ELWELL, W. A. (edit.) **Enciclopédia Histórico-teológica da igreja cristã**. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990.

CROWE, J. **14 maneiras de servir na sua igreja**. 7 mar. 2018. Disponível em <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2018/03/14-maneiras-de-servir-na-sua-igreja/>>. Acesso em 21 out. 2019.

FISCHER, L.; SCHAFFER, K. **Older volunteers: a guide to research and practice**. Newbury Park: Sage, 1993.

GOWER, R. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Traduzido por Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.



GUSSO, A. R. **Jesus se apresenta**: conheça melhor aquele que pode transformar sua vida. Curitiba: Fato É, 2004.

GUSSO, A. R.; GUSSO, S. F. K. In: SOUZA, E. S., RUPPENTHAL NETO, W. **Cuidando de Vidas**: pesquisas nas áreas de teoria e prática do cuidado pastoral. Curitiba: Faculdades Batista do Paraná, 2015.

HARRIS, R. L. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOLLADAY, T. **Princípios de relacionamento de Jesus**. Traduzido por Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Projeção da população do Brasil e das unidades da federação**. 2020. Não paginado. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em 18 jan. 2020.

IBOPE INTELIGÊNCIA/REDE BRASIL VOLUNTÁRIO. **Projeto voluntariado no Brasil** 2011. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/1265737/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

KELLY, W. **Notas sobre os livros de Esdras e Nehemias**. Traduzido por Feliciano H. dos Santos. 1978.

KIDNER, D. **Esdras e Neemias**: introdução e comentário. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1985.

KRÜGER, H. W.; KUNZ, M. Z. A profecia bíblica e as características do profeta a partir do livro de Ezequiel. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v. 5, n. 1, jun. 2016.

LOPES, T. V. M. **Problemas de pessoal da empresa moderna**. 6.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MARSHALL, I. H. **Atos**: introdução e comentário. Traduzido por Gordon Schown. São Paulo: Vida Nova, 1988.

MARTINS, O. E. C. **Diaconia cristã**: o serviço da mordomia. Curitiba:

ADSantos, 2016.

MC NAIR, S. E. **A Bíblia explicada**: Velho Testamento. Teresópolis: Casa Editora Evangélica, 1949.

MELLO FILHO, J. R. O conceito bíblico-teológico de “diaconia”: uma análise das dimensões semânticas do termo como horizonte para o serviço social cristão. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, n. 2, dez. 2017.

MESQUITA, A. N. **Estudo nos livros de Crônicas, Esdras, Neemias e Ester**. Rio de Janeiro: JUERP, 1974.

MUELLER, E. R. **1 Pedro**: introdução em comentário. São Paulo: Vida Nova, 1991.

MUZIO, R. **O DNA da Igreja**: comunidades cristãs transformando a nação. Curitiba: Esperança, 2010.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE, W. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1982.

PIPER, J. **Um homem chamado Jesus Cristo**. Traduzido por Maria Emilia de Oliveira. São Paulo: Vida, 2005.

PIRAGINE Jr, P. **Crescimento integral da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2015.

RAD, G. V. **Teologia do Antigo Testamento**. Traduzido por Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumin, 2006.

RIDDERBOS, J. **Isaías**: introdução e comentário. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2006.

SANCHEZ, T. **Escravos da orelha furada**. 28 mai. 2015. Disponível em <<http://pastorthiagosanchez.blogspot.com/2015/05/escravos-da-orelha-furada.html>>. Acesso em 18 jan. 2020.

SCHULTZ, S. J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo, Vida Nova, 1995.

SCHWARZ, C. A. **O desenvolvimento natural da igreja**: Guia prático

para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Traduzido por Waldemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996.

SCOTT, R.B. **Os profetas de Israel** - nossos contemporâneos. São Paulo: ASTE, 1968.

SEUBERT, A. **Como entender a mensagem dos profetas**: introdução pastoral aos profetas. Traduzido por Célia Maria Genovez. São Paulo: Paulinas, 1992.

SICRE DÍAZ, J. L. **Introdução ao profetismo bíblico**. Traduzido por Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016.

TENNEY, M. C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr., W. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001.

VATERS, K. **SignsOfLife: 7 Ways To Find A Great Small Church To Attend And Serve**. 06 nov. 2017. Disponível em <<https://www.christianitytoday.com/karl-vaters/2017/november/7-ways-great-small-church-attend-serve.html>>. Acesso em 19 out. 2019.

VAUX, R. De. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Traduzido por Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003.

WALTKE, B. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. Traduzido por Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida nova, 2015.

WARREN, R. **Uma igreja com propósitos**. Traduzido por Carlos de Oliveira. São Paulo: Vida, 1998.

WARREN, W.; WIERSBE, D. W. **10 princípios poderosos para o serviço cristão**. Traduzido por Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2013.

WENHAM, G. J. **Números**: introdução e comentário. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1991.

WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo testamento: volume II, Histórico. Traduzido por Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.

WILKES, G. C. **O último degrau da liderança.** Traduzido por Neyd Siqueira. São Paulo: Life Way Brasil, 1999.

WRIGHT, C. J. H. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. Traduzido por Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, Instituto Betel Brasileiro, 2012.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional